

PREPOSIÇÕES E OS VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS: INTERFACE SINTAXE-SEMÂNTICA LEXICAL

Luisa GODOY¹
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

RESUMO

Este trabalho visa a descrever e classificar, em uma perspectiva de interface entre a sintaxe e a semântica lexical, os chamados “verbos transitivos indiretos”, que têm seu complemento encabeçado por preposição.

ABSTRACT

This paper aims to describe and classify, in a lexical semantics-syntax interface perspective, the so-called “indirect transitive verbs” (in Brazilian Portuguese), which have their complement headed by a preposition.

PALAVRAS-CHAVE

Preposições. Verbos transitivos indiretos. Interface sintaxe-semântica.

KEY WORDS

Prepositions. Indirect transitive verbs. Syntax-semantics interface.

Introdução

De acordo com a classificação tradicional dos verbos quanto ao tipo de complemento que tomam para ser saturados, os chamados “verbos transitivos indiretos” (doravante VTIs) são aqueles que “reclamam um complemento regido de preposição” (CEGALLA, 1985). Na busca de uma melhor caracterização e delimitação desses verbos, seguiremos, dentre outros estudos em Linguística, a classificação de Cançado (2005b) para

as diferentes funções que as preposições podem desempenhar nas sentenças, analisando e classificando os VTIs no PB atual. Isso será feito na seção 1. Na seção 2, vamos mostrar uma hipótese que tecemos para a origem da preposição idiossincrática que muitos VTIs apresentam, e finalizamos o artigo, na seção 3, com uma síntese da descrição e análise feitas, apontando as lacunas e os méritos do trabalho.

1 A classificação tripartite para as preposições de Cançado (2005b) e os VTIs no PB

Cançado (2005b), retomando os trabalhos sobre as preposições no PB, desenvolvidos em seu núcleo de estudo² (CANÇADO, 2005a; CORRÊA; CANÇADO, 2006; BERG, 2005), expande a distinção, tradicional na literatura lingüística, entre preposições predicadoras (ou lexicais) e funcionais (ou gramaticais). Segundo a autora, as preposições podem, na verdade, ser de três tipos: *predicadoras*, *funcionais* ou *inerentes*.

1.1 Distinção entre preposições predicadoras e funcionais e os três subtipos de preposições funcionais

Preposições *predicadoras* introduzem um argumento que não é exigido pelo núcleo predicador da sentença. Tais preposições predicam esse argumento, ou seja, atribuem papel temático ao DP, como *de* na sentença abaixo:

- (1) João correu de tênis.

Em (1), o verbo *correr* é intransitivo; a preposição *de* predica o DP *tênis*, atribuindo-lhe papel temático.

As preposições *funcionais*, por sua vez, não predicam. A presença do argumento que introduzem é acarretada pelo núcleo predicador da sentença, e o argumento recebe deste seu papel temático. Esse segundo tipo de preposição (funcional) pode ser dividido em três subtipos. O

primeiro subtipo consiste em preposições funcionais que introduzem o terceiro e o quarto argumentos do verbo:

- (2) João vendeu uma casa para Maria por 100 mil reais.

É importante observar que, para Cançado (2005b) (em conformidade com JACKENDOFF, 1990; CHIERCHIA, 1989; FRANCHI; CANÇADO, 2003), a sintaxe e a semântica são módulos (ou componentes) lingüísticos independentemente estruturados, possuindo primitivos e regras próprios e sendo interligados por regras de projeção. Na sua perspectiva, portanto, deve-se diferenciar argumentos de complementos. Os primeiros são noções pertencentes ao componente semântico e os segundos são realizações sintáticas. Um verbo pode predicar de até quatro argumentos lógicos, no componente semântico. É o caso do verbo *vender*, que acarreta um argumento Fonte, um Tema, um Alvo e um Valor, todos expressos no exemplo (2). No entanto, no componente sintático, apenas um desses argumentos é projetado como complemento – isto é, como objeto direto, nos termos tradicionais; os demais argumentos são adjuntos, marcados com preposição. As preposições *para* e *por*, no exemplo acima, introduzem o terceiro e o quarto argumentos lógicos do verbo *vender* (os argumentos que recebem os papéis de Alvo e Valor, respectivamente), realizados sintaticamente em posições de adjunção (CANÇADO, 2005a; BAKER, 2001). Apenas o complemento, em português, ocorre sintaticamente sem preposição³.

O segundo subtipo das preposições funcionais inclui aquelas que marcam o argumento deslocado de um verbo que sofreu alternância de diátese:

- (3) João construiu a casa. > A casa foi construída por João.

Em (3), a preposição *por* introduz o argumento Agente, deslocado para a posição de adjunto na sentença alternada passiva⁴.

O terceiro subtipo de preposição funcional foi descrito em Corrêa; Cançado (2006). Trata-se de preposições que introduzem o(s) argumento(s) de verbos de trajetória:

(4) Ele foi de Belo Horizonte a Florianópolis.

As preposições *de* e *a* em (4) são funcionais porque não predicam. O verbo *ir* acarreta lexicalmente uma trajetória, descrita pelos argumentos *Belo Horizonte* e *Florianópolis*. As preposições *de* e *a* servem para delimitar os pontos de partida e chegada dessa trajetória. Assim, elas apenas especificam, mas não predicam, a trajetória acarretada pelo verbo. Isto é, estas preposições oferecem uma contribuição semântica à proposição, mesmo sem ter valor predicativo.

Deparamo-nos aqui com uma distinção importante, delineada no trabalho de Berg (2005): *predicar* é diferente de *ter sentido*. Na distinção entre preposições predicadoras e funcionais (ou lexicais e gramaticais), muitas vezes, confunde-se o conteúdo semântico com a função de atribuir papel temático a um argumento. Berg (2005) argumenta que mesmo as preposições funcionais, que não atribuem papel temático, podem ter conteúdo semântico, ou seja, sentido⁵. Veja que uma preposição funcional pode ser trocada por outras, contanto que tenham todas os mesmos traços de sentido compatíveis com a predicação verbal:

(5) Ele veio de / para / a / em Belo Horizonte.

Tanto *de*, quanto *a*, *para* e *em* servem para expressar o sentido de trajetória, que é compatível com o argumento Locativo (*Belo Horizonte*) acarretado pelo verbo *vir*. Porém, se não há certa semelhança de sentido entre as preposições, ou seja, se o sentido de uma delas não é compatível com o papel temático do DP que ela introduz, a troca de preposições não pode ocorrer:

(6) Ele veio de / *com Belo Horizonte.

Verbos de trajetória como *ir* e *vir* são VTIs, pois selecionam um argumento preposicionado (ou até dois) para a sua saturação. Podemos chamar tais verbos de “VTIs com preposição cambiável”, pois aceitam a troca de uma preposição por outras de sentido compatível. Em nosso

levantamento de cerca de 100 VTIs no PB atual, percebemos a existência de cerca de outros 10 verbos de comportamento semelhante.

1.2 Outros VTIs com preposições cambiáveis

Há VTIs que, apesar de não acarretarem argumento(s) que descreva(m) uma trajetória, selecionam um complemento encabeçado por preposição e aceitam diferentes preposições, se compatíveis com o sentido da predicação. Enfatizamos que não se trata de preposições predicadoras, pois o argumento encabeçado por elas é acarretado pelo verbo⁶. Veja que preposições predicadoras, quando são trocadas por outras, podem mudar completamente o sentido da predicação, pois são elas, de fato, que predicam:

- (7) João correu de tênis / sem tênis / sobre o tênis / com o tênis (na mão) / ao tênis (e voltou).

Porém, as preposições funcionais só aceitam a troca quando é mantido o sentido da predicação (compatibilidade entre o sentido da preposição e o papel temático atribuído pelo verbo ao DP que ela introduz). Isso ficará claro nos exemplos a seguir, divididos em dois grupos pelo sentido das preposições dos VTIs: as preposições “locativas” e as “direcionais”.

1.2.1 VTIs com preposições locativas

Os VTIs com preposições locativas atribuem papel temático de Locativo a seu complemento e aceitam diversas preposições, como *em*, *sobre*, *sob*, *entre*, *ao lado*, complexos preposicionais como *em cima de*, *embaixo de*, *atrás de*, e também palavras como *aqui*, *ali* e *lá*:

- (8) A luz incide na mesa / sobre a mesa / sob a mesa / ao lado da mesa / entre as mesas / aqui / ali / lá.
- (9) Ele mora sobre a ponte / sob a ponte / na ponte / entre as pontes / atrás da ponte.

- (10) Ele pisou na casca de banana / sobre a casca de banana / sob a casca de banana / em cima da casca de banana / bem aqui.

Outros VTIs locativos são: *esbarrar, caber, ficar, estar* (estes dois últimos na acepção literal, locativa). Como ocorre com os verbos de trajetória, os verbos aqui atribuem a seu complemento sempre o papel de Locativo, e a preposição oferece tem uma contribuição semântica a essa predicação, não como predicadora, mas como especificadora do sentido da predicação (no caso, especifica a localidade).

1.2.2 VTIs com preposições direcionais

Os VTIs com preposições direcionais que podemos listar são *votar, torcer* e *resultar*, cujas preposições servem para especificar a direção do evento em relação ao papel temático de Tema⁷, atribuído pelo verbo:

- (10) Eu votei no Lula / contra o Lula.
 (11) Ele torce para o Cruzeiro / contra o Cruzeiro.
 (12) A confusão resultou em briga / da briga.

Esses verbos atribuem sempre o papel de Tema a seu complemento. No entanto, não fosse a preposição, a direção do evento em relação ao Tema não ficaria especificada.

Resta tratar do último tipo de preposição na classificação de Cançado (2005b), que está relacionada com a maior parte dos VTIs no PB atual.

1.3 Preposições inerentes

Vimos a oposição entre preposições predicadoras e funcionais e os três subtipos de preposições funcionais. O terceiro tipo de preposições, na classificação de Cançado, são as preposições *inerentes*:

- (13) Ele gosta de sorvete.
 (14) Ele compareceu ao evento.

- (15) Ele judiou da coleguinha.
 (16) Ele acredita em fantasmas.
 (17) Ele cuida da irmãzinha caçula.

A preposição *de*, em (14), não é predicadora, pois o argumento expresso pelo DP *sorvete* é exigido pelo verbo *gostar*. Tampouco é funcional, pois a) não introduz o terceiro e/ou o quarto argumento do verbo (como as preposições funcionais do primeiro subtipo), b) não introduz um argumento alternado (como as preposições funcionais do segundo subtipo) e c) não serve para especificar o sentido do papel temático atribuído pelo verbo ao seu argumento (como as preposições funcionais dos verbos de trajetória, locativos e direcionais). O mesmo se pode dizer para as preposições *a*, *de* e *em* nas sentenças de (15) a (18). Além disso, essas preposições parecem ser fixas, não podendo ser trocadas por outras (BERG, 2005):

- (18) Ele gosta de / *para / *a / *em sorvete.
 (19) Ele compareceu ao / *para o / *com o / ?no evento.
 (20) Ele judiou da / *à / *com a / *na / *pela coleguinha.
 (21) Ele acredita em / *de / *com / *para / *a fantasmas.
 (22) Ele cuida da / *na / *para a / *pela irmãzinha caçula.

O teste da troca de preposições não se aplica às sentenças em (19)-(23). Essas preposições, portanto, por não serem predicadoras, de um lado, e, de outro, por não se encaixarem em nenhum dos subtipos de preposições funcionais, além de serem fixas, não podendo ser trocadas por outras, têm uma existência idiossincrática. Isto é, elas não possuem uma explicação semântico-lexical como a explicação oferecida por Cançado (2005b) a todas as outras ocorrências de preposições nas sentenças do PB. Por isso, a autora pressupõe que elas estejam associadas ao verbo em sua entrada lexical, denominando-as inerentes ao verbo, ou

simplesmente preposições inerentes. Em um trabalho anterior, Cançado (2003) chega a propor uma entrada lexical para VTIs como *gostar*, contendo a preposição a eles inerente:

(23) GOSTAR DE: {Experenciador, Tema}

(24) COMPARECER A: {Agente, Locativo}

Conforme Neeleman (1997), VTIs como *gostar* e *comparecer* não subcategorizam um PP como complemento, como seria em PB o caso dos verbos de trajetória, locativos e direcionais (como *vir*, *morar* e *votar*), mas um DP encabeçado por uma preposição específica, de caráter idiomático. Ou seja, o verbo formaria um complexo predicador com a preposição, como nas expressões idiomáticas. De fato, umas das características arroladas por Trask (2004), na sua definição de “idiomatismo”, é a impossibilidade da tradução palavra por palavra da expressão idiomática para outra língua. Os VTIs com preposição fixa parecem idiosincrasias de cada língua em particular, não se podendo prever ou explicar que um mesmo VTI ocorra em duas ou mais línguas. Observem-se os exemplos de (26) a (27) abaixo, em que a tradução dos VTIs (com preposição fixa) portugueses para o inglês é feita por verbos transitivos simples:

(25) a. Eu gosto de carros.

b. I like cars.

(26) a. Ela compareceu ao evento.

b. She attended the event.

(27) a. João precisa de dinheiro.

b. John needs money.

Por ser idiosincrática, uma preposição deve de fato estar associada lexicalmente a um verbo específico, devendo ser esta associação “decorada” pela criança em processo de aquisição lexical. Assim, é bastante claro

que, na ausência de uma explicação sistêmica, ou sincrônica, para a existência de uma preposição não-cambiável encabeçando o complemento de um verbo, é necessário encará-la como fruto de um processo que se deu em algum momento da história da língua e que perdeu transparência, isto é, o falante não sabe o porquê e nenhuma explicação sincrônica é capaz de prever a associação da preposição *de* com o verbo *gostar*, por exemplo. O que nos propomos a fazer na seção seguinte é justamente apontar uma hipótese sobre que tipo de processos históricos podem ter sido responsáveis pela existência de uma preposição hoje idiomática, ou inerente. Porém, antes de tratarmos dessa hipótese, é necessário desenvolver melhor o que significa dizer que o verbo forma um “complexo predicador” ou “idiomático” com a preposição ou que esta seja “inerente” ao verbo.

Como demonstram Cançado (2005b) e Neeleman (1997), as preposições inerentes ou idiomáticas não apresentam função semântica. Observem-se as grades temáticas de *amar*, *adorar* e *gostar*:

(28) AMAR, ADORAR, GOSTAR (DE): {Experienciador, Tema}

Os três verbos, no componente semântico, acarretam dois argumentos, aos quais atribuem os papéis temáticos de Experienciador e Tema. No componente sintático, porém, *gostar* difere dos outros dois, pois traz seu complemento encabeçado pela preposição *de*. A preposição de um VTI como *gostar*, portanto, não tem relevância para o componente semântico, onde se dão as relações de predicação, pois não predica. Tampouco contribui para o sentido da sentença, como o fazem as preposições funcionais de VTIs de trajetória, locativos ou direcionais (preposições funcionais do terceiro subtipo, que servem para especificar o sentido da predicação). Na verdade, não se pode enxergar qualquer valor semântico (de predicação ou de contribuição para o sentido) nas preposições fixas de VTIs.

Porém, não é o caso de se pensar que a preposição forma um constituinte com o verbo, seguindo ainda a argumentação de Neeleman (1997). Segundo o autor, a preposição formaria um “constituinte

semântico” com o verbo, pois esse complexo predicativo verbo + preposição atribui papel temático ao DP, porém, no componente sintático, ela forma, na verdade, um constituinte com o DP, conforme testes comuns de constituintes (adaptados aqui para o português) podem mostrar:

- (29) a) De sorvete, eu gosto (teste do deslocamento).
 b) Ela deve gostar de sorvete, e ele também deve gostar (teste do apagamento).
 c) Ela gosta de sorvete e de bolo (teste da coordenação).

Pelos testes acima, percebe-se que a preposição idiomática pode ser separada do verbo, não formando com este um constituinte sintático, mas com o DP. Para Neeleman (1997), é problemática a falta de paralelismo entre os dois componentes (verbo + preposição formam um “constituinte semântico”, e preposição + DP formam um constituinte sintático), e seu artigo é uma tentativa de sanar esse problema dentro do paradigma gerativista, segundo o qual a preposição de um VTI como *gostar* atribui Caso, mas não papel temático (RAPOSO, 1992), ou, em outras palavras, tem função sintática, mas não semântica. Na perspectiva que adotamos, que encara a semântica e a sintaxe como componentes independentes e que não pressupõe paralelismo entre os mecanismos dos dois componentes, não há um problema. Além disso, discordamos de Neeleman (1997) em relação ao fato de encarar que a preposição forma um predicado complexo com o verbo. Como tentamos mostrar com o esboço das grades em (29), entendemos que a preposição inerente simplesmente não tem visibilidade no componente semântico, existindo apenas no componente sintático.

Um outro teste que pode revelar a visibilidade sintática da preposição idiomática é a formação de passivas em PB. Parece haver restrições de ordem semântico-lexical para a formação de construções passivas. Daí, alguns verbos aceitam e outros, de grades temáticas diferentes, não aceitam a alternância:

(30) João ama Maria. > Maria é amada por João.

(31) João tem uma casa. > *Uma casa é tida por João.

Porém, verbos que têm a mesma configuração temática igualmente aceitam ou não essa alternância:

(32) João comeu / devorou / almoçou uma maçã. > Uma maçã foi comida / devorada / almoçada por João.

(33) João preocupou / aborreceu / chateou Maria. > *Maria foi preocupada / *aborrecida / *chateada por João.

Partindo dessa constatação, selecionamos VTIs que tinham a mesma configuração temática de alguns verbos transitivos simples que aceitam a alternância passiva, e percebemos que nenhum dos VTIs aceita a alternância:

(34) a. As crianças são amadas / adoradas / admiradas / veneradas.
b. *As crianças são gostadas.

(35) a. O projeto foi abandonado / renegado / desprezado por mim.
b. *O projeto foi desistido por mim.

(36) a. O argumento foi questionado / debatido / rebatido / contestado pela banca.
b. *O argumento foi duvidado pela banca.

(37) a. O dinheiro foi requerido / solicitado / pedido / demandado por Maria.
b. *O dinheiro foi necessitado por Maria.

Ora, se a grade temática de *gostar* é a mesma de *amar*, *adorar*, *admirar* e *venerar*, era de se esperar que esse verbo também formasse uma construção passiva, pois, como vimos em (33) e (34), verbos com a mesma grade temática igualmente aceitam ou rejeitam a alternância. Porém, as

restrições para a passiva não se limitam às relações temáticas. A restrição nas sentenças (b) em (35)-(38) parece ser, portanto, sintática – o simples fato de o complemento do verbo não ser um objeto direto. Ou seja, na alternância passiva, antes de se imporem restrições para as configurações temáticas do verbo, impõe-se uma restrição sintática: o argumento-complemento que será alçado para a posição de sujeito deve ser um DP. A impossibilidade de formação de passivas com os VTIs acima se deve, portanto, à visibilidade da preposição no componente sintático.

Até aqui, vimos que VTIs podem ter preposições cambiáveis ou fixas. Os VTIs de preposições cambiáveis são verbos de trajetória como *ir* e *vir*, verbos locativos como *morar* e *incidir* e verbos que chamamos de direcionais como *votar* e *torcer*. As preposições cambiáveis de VTIs têm uma explicação sistêmica: são especificadoras do sentido da predicação realizada pelo verbo, apesar de não serem predicadoras. Já as preposições fixas de VTIs como *gostar* e *comparecer* não têm uma explicação no sistema lingüístico sincrônico do PB. São, portanto, idiossincráticas, devendo ser decoradas pela criança em fase de aquisição ou pelo aprendiz de português. Configuram, assim, um caso de idiomatismo, e devem estar associadas ao verbo em sua entrada lexical. No entanto, o que se entende por preposição inerente ou idiomática não é uma parte constituinte do verbo, pois no componente sintático, ela tem visibilidade e demonstra independência do verbo, formando um constituinte com o DP que encabeça.

Na seção seguinte, trataremos da origem dessas preposições fixas de VTIs como *gostar*.

2 Uma hipótese para a origem dos VTIs com preposições fixas

Como assinalamos anteriormente, a idiossincrasia da preposição inerente a um verbo, por carecer de uma explicação sistêmica no PB, só pode ser encarada como uma marca resultante de algum processo histórico

cuja memória se perdeu para os falantes atuais, de forma que eles devem “decorar” aquela associação específica de uma preposição com um verbo. Com base em alguns dados bastante preliminares, vamos, nesta seção, levantar uma hipótese para a origem dessa preposição idiomática que encabeça o complemento verbal.

A partir de estudos na interface sintaxe-semântica lexical sobre as alternâncias verbais (CANÇADO, 2000, 2005a, b; FRANCHI, 2003; LEVIN, 1993 e outros), formulamos a seguinte hipótese: as preposições idiomáticas de VTIs como *gostar* são resquícios históricos de alternâncias de diátese. Conforme Franchi; Cançado (2003), a diátese de um verbo se define: a) pelo número de argumentos que o verbo toma; b) pela qualidade dos papéis temáticos associados a seus argumentos; e c) pela orientação da relação estabelecida entre os argumentos pela mediação do predicador. Uma alternância de diátese pode ser uma mudança em qualquer um desses três aspectos. A alternância ativo-passiva, por exemplo, é uma mudança em (c), mas mudanças em (a) e (b) são possíveis e serão indiscriminadamente chamadas aqui de alternâncias de diátese. Conforme hipótese lançada por Dowty (2001), toda alternância implicaria necessariamente uma mudança de sentido no verbo, e essa mudança seria a própria motivação para a alternância. Aqui, porém, não trataremos das nuances de sentido que os verbos podem sofrer nos processos de alternância, bastando perceber uma alteração em qualquer um dos três aspectos relacionados acima para que se postule uma “nova” diátese de um verbo.

Dessa forma, com relação especificamente aos atuais VTIs com preposições inerentes (fixas), presumimos que o verbo tinha uma diátese básica, que se alternava. O uso, com o tempo, fixa apenas a diátese alternada, apagando a memória da diátese original. Na diátese alternada, resta uma preposição encabeçando o argumento que sucede o verbo. Essa idéia nasceu da percepção de uma diátese antiga do atual VTI *participar (de)*, encontrada em exemplos do português arcaico de Roberts; Kato (1993):

(38) Ana participou do acordo / *para o acordo / *pelo acordo / *com o acordo.

(39) Ele não participou Ana do acordo.

Em (39), exemplificamos a diátese atual de *participar* e realizamos o teste da troca de preposições, que mostra tratar-se de um VTI com preposição inerente. Em (40), exemplificamos a diátese mais antiga, bitransitiva, encontrada nos exemplos do português arcaico⁸. O uso, por motivos que desconhecemos, fixou a diátese alternada, fazendo com que, hoje em dia, a preposição do verbo *participar* deva ser aprendida como uma idiossincrasia na língua.

Um estudo diacrônico completo, que fosse a fontes do português arcaico, poderia confirmar essa hipótese de serem as preposições idiomáticas resquícios de alternâncias verbais. Neste estudo preliminar, apenas levantamos tal idéia, e nos baseamos em informações presentes em dicionários comuns, como Houaiss (2002) e Ferreira (1975) e em um dicionário de verbos do português (BORBA, 1990), os quais registram usos arcaizantes dos verbos, sendo possível detectar diáteses antigas diferentes da diátese de alguns VTIs com preposição inerente atuais.

Nas subseções seguintes, postulamos dois tipos de alternâncias de diátese que podem ter originado esses VTIs idiomáticos.

2.1 Ergativização do objeto direto de um verbo bitransitivo

Os dicionários registram diáteses arcaicas bitransitivas para alguns VTIs atuais, como *aderir* e *derivar*. É possível supor que o objeto direto desses verbos, na diátese original, foi ergativizado, ficando o objeto indireto na posição pós-verbal:

(40) O mecânico aderiu a nova peça ao motor > A peça aderiu ao motor⁹.

(41) Os cientistas derivam hipóteses de observações. > Hipóteses derivam de observações.

Seria esse o caso da alternância que originou o atual VTI *participar*, como em (39) e (40). Como *participar*, *aderir* e *derivar*, é possível que outros VTIs tenham surgido a partir de um verbo bitransitivo. No caso desses verbos, foi possível recuperar a diátese básica nos verbetes dos dicionários que anotam usos mais arcaicos. Assim, postulamos que a alternância que gerou o VTI tenha sido uma ergativização.

2.2 Apagamento do objeto direto de um verbo bitransitivo

Aqui também o VTI se origina a partir de um verbo bitransitivo. O que parece ocorrer, no entanto, é o apagamento do objeto direto, e não a sua ergativização. Os verbos que nos levaram a postular tal alternância são *apanhar* e *pactuar*, registrados nos dicionários consultados como tendo os seguintes usos arcaizantes:

(42) Ele pactuou planos com ela. > Ele pactuou com ela.

(43) Ele apanhou socos dela. > Ele apanhou dela.

Além desses dois verbos, outros VTIs podem ter tido a mesma origem.

Em síntese, nesta seção, formulamos uma hipótese para a origem das preposições idiomáticas de VTIs como *gostar*. Teríamos atuando um processo sintático-semântico – a alternância de diátese – e um processo de uso, no desenrolar diacrônico da língua, de “perda” da memória da diátese original. A partir do registro de diátesses arcaicas de atuais VTIs em dicionários comuns, foi possível postular dois tipos de alternâncias que podem ter originado VTIs com preposição idiomática a partir de verbos inicialmente bitransitivos. É possível que outros tipos de alternâncias verbais tenham originado diátesses em que há um complemento preposicionado, mas este trabalho, colhendo dados de dicionários comuns, pôde avançar apenas até o ponto em que não se configura propriamente como diacrônico. Há ainda muitos outros VTIs cujas diátesses originais devem ser buscadas em textos antigos, dicionários etimológicos e outras fontes do português arcaico; são alguns deles: *abdicar*

(*de*), *caçoar (de)*, *acreditar (em)*, *aludir (a)*, *resistir (a)*, *ansiar (por)*, *cuidar (de)*, *duvidar (de)*, *pertencer (a)*, *confiar (em)*, *optar (por)*, *abusar (de)*, *insistir (em)*, *interferir (em)*, *zelar (por)* e outros.

3 Considerações finais

Neste breve trabalho, buscou-se caracterizar o conjunto dos verbos transitivos indiretos, considerados, normalmente, como um caso de idiosincrasia na língua. Tomando como base a classificação que Cançado (2005b) propõe para os tipos de preposição, percebemos que há VTIs que têm uma explicação sistêmica, não sendo idiosincráticos: são os VTIs com preposição cambiável, que incluem verbos de trajetória, como já assinalou Cançado, e também, como mostramos aqui, verbos que carecem de uma preposição que especifique i) o papel de Locativo atribuído ao seu complemento (como *morar*) ou ii) a direção do evento em relação ao complemento Tema (como *votar*). O restante dos VTIs no PB (cerca de 90 verbos), tem, de fato, uma existência idiosincrática, não se podendo explicar ou prever a ocorrência da preposição que encabeça o complemento verbal, pois não se trata de uma preposição predicadora e tampouco se pode dizer que ela contribui para o sentido da sentença (como as preposições cambiáveis de VTIs como *morar*), ainda que não sejam totalmente vazias de sentido: são os VTIs com preposições fixas. Cançado as chama de preposições inerentes e Neeleman (1997), de preposições idiomáticas. Mostramos em que sentido essas preposições devem ser encaradas como inerentes (presentes na entrada lexical dos itens); não se deve pensar que elas formam um constituinte com o verbo, pois apresentam visibilidade sintática. Testes comuns de constituintes (deslocamento, apagamento e coordenação) são capazes de mostrar que a preposição fixa forma um constituinte com o DP, não com o V, e o teste da formação de passivas, que propomos neste trabalho, mostra que a preposição tem visibilidade para a sintaxe, pois barra a formação de passivas com VTIs cuja grade temática é idêntica à de verbos transitivos

simples que aceitam a alternância. Finalmente, apresentamos uma hipótese, com base em alguns dados do português arcaico, para a origem das preposições atualmente idiossincráticas: elas derivariam de alternâncias de diátese.

As contribuições que este trabalho oferece são: a distinção entre VTIs com preposições cambiáveis e fixas, a percepção da existência de outros VTIs com preposição cambiável além de verbos de trajetória (VTIs locativos e direcionais), a formulação do teste de construção de passivas, que mostra que a restrição sintática para esse fenômeno (o verbo transitivo tem de ter um objeto direto, não preposicionado) se dá antes da restrição semântica (o verbo tem de ter certa configuração temática) e a formulação de uma hipótese para a origem das preposições fixas. Deixamos algumas questões em aberto, sugerindo, para trabalhos futuros, a testagem dessa hipótese formulada, com a busca, em fontes antigas do português, das diáteses originais dos atuais VTIs com preposições fixas, as quais se perderam na memória do falante. Também seria interessante a investigação sobre o porquê de essa diátese original ter perdido transparência, até enfim desaparecer, e se esse processo aponta para alguma tendência diacrônica do PB.

Notas

- 1 A autora agradece ao CNPq pelo auxílio financeiro (Bolsa de Mestrado).
- 2 Esses e outros trabalhos do NuPeS (Núcleo de Pesquisa em Semântica - UFMG) podem ser acessados em: <<http://www.letras.ufmg.br/nupes>>.
- 3 Nessa perspectiva, portanto, tanto argumentos lógicos do verbo (incluídos os chamados “objetos indiretos” da gramática tradicional) quanto adjuntos adverbiais preposicionados ocuparão igualmente a posição sintática de adjunção, ainda que semanticamente tenham status diferentes. Ressalte-se aqui que, na visão modular de Cançado, não deve haver, necessariamente, paralelismo entre os componentes sintático e semântico (um argumento semântico pode não ser um complemento sintático e um argumento em posição de adjunto sintático pode ser ou não um adjunto no módulo semântico).

- 4 As preposições que marcam argumentos alternados fazem com que a Hierarquia Temática não seja infringida, pois ela é válida somente para sujeito e complemento, não para adjuntos (CANÇADO, 2005a).
- 5 Na verdade, a autora defende que todas as preposições têm sentido, sejam predicadoras ou funcionais. Neste trabalho, não assumimos essa postura tão categórica, como ficará mais claro adiante.
- 6 Em alguns dados, há divergência quanto ao que chamamos de argumento do verbo, em relação às gramáticas tradicionais. É o caso do verbo *morar*, que consideramos transitivo, mas que figura nas gramáticas como intransitivo (atribuindo à preposição a função predicadora).
- 7 Neste trabalho, mencionamos os papéis temáticos apenas como rótulos, pois o seu conteúdo não é relevante para o objeto de estudo enfocado aqui. Alguns desses rótulos poderão ser contestados, como o papel do argumento *briga* em *a confusão resultou em briga*, cuja rotulação fica melhor como Resultativo, não Tema. O conteúdo dos papéis temáticos é controverso, no entanto, relevante para uma teoria gramatical. A proposta de Cançado (2003, 2005a) visa a tratar desse problema, deixando de lado os rótulos para destrinchar o conteúdo dos papéis em propriedades semânticas relevantes gramaticalmente. Remetemos o leitor interessado a tais trabalhos.
- 8 Não é essa a sentença encontrada no *corpus* de Roberts; Kato (1993). Visamos apenas a exemplificar, de forma a facilitar essa visualização, a diátese pretérita de *participar* (*alguém participa alguém de alguma coisa*).
- 9 Como o parecerista anônimo deste artigo notou, a preposição de *aderir* não é totalmente esvaziada de sentido como a preposição de *gostar*, por exemplo. No entanto, a preposição não é predicadora, pois encabeça um argumento verbal, e não pode ser trocada por outra: *A peça aderiu *para / *sobre / *pelo / ?no motor*. Por esses motivos é que a chamamos de preposição inerente ou idiomática, não por ser vazia de sentido.

Referências

- BAKER, M. *On the differences among the lexical categories*. Rutgers University, New Jersey, 2001. Manuscrito.
- BERG, M. *O comportamento semântico-lexical das preposições do português brasileiro*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2005.
- BORBA, F.S. (Coord.) *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo*. São Paulo: Unesp, 1990.
- CANÇADO, M. O papel do léxico em uma teoria dos papéis temáticos. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 297-321, 2000.
- CANÇADO, M. Hierarquia temática: uma proposta para o PB. *Revista Letras*, Curitiba, v. 61, p. 60-62, 2003.
- CANÇADO, M. Propriedades semânticas e posições argumentais. *D.E.L.T.A*, São Paulo, v. 21, n.1, p. 23-56, 2005a.
- CANÇADO, M. Argumentos: complementos e adjuntos. In: OFICINA DE SEMÂNTICA, mai. 2005, Faculdade de Letras/UFMG, Belo Horizonte. 2005b. Manuscrito. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/marciaacancado/artigos.htm>. Acesso em: 7 mai. 2008.
- CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- CHIERCHIA, G. Structured meanings. In: CHIERCHIA; HALL-PARTEE; TURNER (Ed.). *Properties, types and meaning*. Studies in linguistic and philosophy 2: Semantic issues. Dordrecht: Kluver, 1989, p. 131-166.
- CORRÊA, R.; CANÇADO, M. Verbos de trajetória no PB: uma descrição sintático-semântica. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 14, p. 1-25, 2006.

DOWTY, D. The semantic asymmetry of ‘argument alternations’ (and why it matters). In: VAN DER MEER, G.; TER MEULEN, A. G. B. (Ed.) Making sense: from lexeme to discourse. *Groninger Arbeiten zur germanistischen linguistics*, n. 44, 2001.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário (Aurélio) da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FRANCHI, C. Predicação. In: CANÇADO, M. (Org.). Predicação, relações temáticas e papéis temáticos: anotações de Carlos Franchi. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 17-81, 2003.

FRANCHI, C; CANÇADO, M. Teoria generalizada dos papéis temáticos. In: CANÇADO, M. (Org.) Predicação, relações temáticas e papéis temáticos: anotações de Carlos Franchi. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 83-123, 2003.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico*. Editora Objetiva. Versão digital, 2002.

JACKENDOFF, R. *Semantic structures*. Cambridge: MIT Press, 1990.

LEVIN, B. *English verb classes and alternations – a preliminary investigation*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

NEELEMAN, A. PP-Complements. *Natural language and linguistic theory*, n. 15, p. 89-137, 1997.

RAPOSO, E. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

ROBERTS, I.; KATO, M. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Trad. Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.